

HISTÓRIAS, VIDAS E PERCURSOS DE MULHERES NEGRAS: NOTAS SOCIOLOGICAS SOBRE ENVELHECIMENTO E VELHICE

Daniele dos Santos Silva¹

Resumo: O presente artigo aborda as trajetórias de vida de mulheres negras e idosas, a partir de suas narrativas e histórias. Buscamos compreender sobre os processos de envelhecimento e as percepções acerca da velhice a partir de entrevistas com quatro mulheres. O método de história de vida busca apreender as correlações entre as trajetórias particulares e trajetórias sociais, dando ênfase a como os próprios sujeitos narram e constroem suas subjetividades; e como tais relatos, aparentemente pessoais, se relacionam com os fatos do mundo social. Nesse sentido, o objetivo é descrever as memórias, os desafios e as vivências traçados por elas, desde a infância, passando pela idade adulta até a velhice. Os relatos também são pontos de partida para se pensar sobre as contribuições que essas mulheres deram: uma forma de anunciar e textualizar a relevância de seus discursos de vida, para além de seus círculos íntimos. A pesquisa foi desenvolvida tendo como suporte metodológico a obra “Os Retratos Sociológicos: Disposições e Variações Individuais”, do sociólogo Bernard Lahire (2004), na qual o autor busca compreender o meio social a partir da singularidade de cada ser e suas narrativas de vida. Por fim, este artigo se propõe a valorizar as cronografias ordinárias, porém repletas de significados, a fim de romper com apagamentos e mostrar as contribuições de mulheres negras e idosas nas estruturas sociais que nos cercam.

Palavras-chave: Mulheres negras. Envelhecimento. Histórias de vida. Trajetórias.

Abstract: This article addresses the life trajectories of black and elderly women, based on their narratives and stories. We seek to understand about aging processes and perceptions about old age from interviews with four women. The life history method seeks to apprehend the correlations between individual trajectories and social trajectories, emphasizing how the actors themselves narrate and construct their subjectivities; and how such apparently personal accounts relate to the facts of the social world. In this sense, the objective is to describe the memories, challenges and experiences traced by them, from childhood, through adulthood to old age. The reports are also starting points for thinking about the contributions that these women made: a way of announcing and textualizing the relevance of their life discourses, beyond their intimate circles. The research was developed having as methodological support the work "The Sociological Portraits: Dispositions and Individual Variations", by the sociologist Bernard Lahire (2004), in which the author seeks to understand the social environment from the uniqueness of each being and their life narratives. Finally, this article proposes to value ordinary chronographies, but full of meanings, to break with erasures and show the contributions of black and elderly women in the social structures that surround us.

Keywords: Black women. Aging. Life stories. Trajectories.

¹ Bacharela em Humanidades pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Licencianda em Sociologia pela mesma instituição.

Data de submissão e aprovação: 08/02/2022

“A palavra dada. A palavra que não se escreve, pois escrita está na palma e na alma de cada um. É preciso trazer sempre a mão aberta [...]”.

Conceição Evaristo, em Olhos d’água

Ao pensarmos sobre trajetórias de vida, instintivamente pensaremos em memórias. As memórias nos constroem e descrevem, atingindo espaços não imaginados, opacos, que constituem nossas histórias e nos colocam no mundo. Através das memórias acessamos o nosso passado, compreendemos o nosso presente e trilhamos nosso futuro.

Quando nos propusemos a estudar sobre história de vida de mulheres negras idosas², considerávamos essencial pensar a partir de suas trajetórias de vida e memórias. Mulheres negras são atravessadas por um passado de lutas e resistências, com histórias e vidas marcadas por violências e esquecimentos. Trazer neste artigo as palavras dessas mulheres, as quais estão inscritas na palma e na alma de cada uma, é ressignificar e honrar a história de negras e negros no Brasil.

Ao Refletir sobre essas trajetórias e memórias, recorremos aos escritos do sociólogo francês, Maurice Halbwachs, o qual retrata em sua obra *Memória Coletiva*: “mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Nessa direção, um indivíduo que traz à tona suas lembranças é sempre alguém inserido em um dado contexto social. A memória vem em duas direções: é construída de modo coletivo, mas igualmente é um trabalho subjetivo.

As narrativas de vida e memória trazidas aqui são assinadas por mulheres de cotidiano comum, que refletem sobre suas trajetórias e memórias. São produções de conhecimento, em princípio particulares, mas que também refletem aspectos compartilhados por outras mulheres - que não possuem vínculos afetivos ou parentais em comum. É essa coparticipação que nos faz pensar sobre como as histórias de mulheres negras se cruzam, se encontram, se justapõem e se conectam mesmo quando não há uma ligação precisa entre as partes.

² Este artigo foi produzido como requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Sociologia na UNILAB/CE. Foi orientado pela Prof. Dra. Janaina Campos Lobo, do Instituto de Humanidades da UNILAB/CE. Agradeço às Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa e Profa. Dra. Joana Elisa Rower, docentes do Instituto de Humanidades da UNILAB/CE, pela disponibilidade de participar da banca avaliadora.

Mulheres negras tiveram um passado marcado pelo período de escravização e que até hoje perpetuam no imaginário social:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão” (CARNEIRO, 2014, p. 1).

Diante deste fato, entendemos os diversos desafios e lutas que essas mulheres precisaram traçar no decorrer de suas vidas, desde a infância e o trabalho precoce, até a velhice e a consequente solidão. Foram lutas diárias e incansáveis sobre os racismos cotidianos, tal como nos é apresentado por Grada Kilomba (2019) em sua obra “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” e expressada a partir dos relatos colhidos e compartilhados neste artigo. As trajetórias de vida aqui contadas são relatos de enfrentamentos de mulheres que foram esquecidas e oprimidas por uma lógica colonial, a qual é perpetuada até os dias de hoje. No entanto, buscamos compreender o movimento que essas mulheres fizeram e fazem até os dias atuais, mulheres negras movimentam e produzem mudanças significativas nas estruturas sociais, desde aquela que trabalhou como empregada doméstica e foi a base de uma família até a mãe de família, que se sacrificou e criou seus filhos proporcionando mudanças significativas nos seus trajetos de vida. São mulheres que, em seus cotidianos, compuseram histórias carregadas de saberes e insurgências.

Falar das memórias e trajetos dessas mulheres é valorizar a história de vida de pessoas ordinárias que tanto fizeram e fazem por nós, seu povo:

“Em todas as entrevistas sucessivas - no caso de histórias de vida de longa duração - em que a mesma pessoa volta várias vezes a um número restrito de acontecimentos (seja por sua própria iniciativa, seja provocada pelo entrevistador), esse fenômeno pode ser constatado até na entonação. A despeito de variações importantes, encontra-se um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de *leit-motiv* em cada história de vida. Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relato, factuais. Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência” (POLLAK, 1989, p. 11).

Mulheres negras, a partir de suas vidas, têm construído uma teoria social crítica que precisa ser evidenciada e textualizada:

“Teorias sociais produzidas por mulheres oriundas de grupos diversos não costumam surgir da atmosfera etérea de sua imaginação. Ao contrário, elas refletem o esforço dessas mulheres para lidar com experiências vividas em

meio a opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, nação e religião” (COLLINS, 2019, p. 43).

Dessa forma, ao ouvir em profundidade essas mulheres, cujas histórias serão pontuadas a seguir, vê-se que todos os relatos se coadunam com estruturas de violência e/ou subjugação. O intuito desse trabalho é, também, fazer visível essas teorias em ação que brotam dessas mulheres. É reverter o apagamento por meio da inscrição de narrativas sobre a vida.

Ainda, cabe dizer que as discussões acerca do envelhecimento têm ganhado espaço na sociedade atual. O número de pessoas idosas tem crescido e assim se faz cada vez mais necessário entender os processos de envelhecimento e a própria velhice: “o fato dos velhos representarem uma parcela da população cada vez mais significativa do ponto de vista numérico, tem levado a preocupação da sociedade com o processo de envelhecimento que dá origem a uma série de práticas que visam a promover uma adaptação bem sucedida a velhice” (DEBERT, 2016, p. 537). Sabemos que para além disso, a velhice também é um fato rodeado de questões que merecem ser percebidas, como o esquecimento e a solidão.

Diante disso, o processo de envelhecimento é pensado de modo interseccional. O envelhecimento de mulheres negras é analisado dentro deste universo: buscamos compreender de que forma essas mulheres sofreram o seu processo de envelhecimento, como também de que forma têm vivido o momento atual da vida. Para além desses questionamentos, também procuramos desfazer o debate que tem sido travado dentro dos estudos sobre envelhecimento, qual seja, a tentativa de homogeneização dos idosos:

“De fato, a velhice não pode ser interpretada pelas ciências sociais como uma categoria única, abstrata, desprovida de pressupostos econômicos, sociais e históricos. Nas sociedades contemporâneas convivem lado a lado as diversas velhices: A velhice dos pobres, dos ricos, das camadas médias, dos inválidos, dos que mantêm sua autonomia, do trabalho e a do lazer, a rural e a urbana, a excluída e a inserida na luta pelos direitos, a de homens e a das mulheres, dos asilados e dos chefes de domicílio, e assim por diante. Por isso, o ideal seria não se falar a respeito da velhice, mas sim a respeito das velhices” (COUTRIM, 2010, p. 49).

Daí a necessidade de pensar os processos de envelhecimento/velhice a partir de uma perspectiva negra, pois o marcador racial é fator essencial para entendermos as diferenças vivenciadas por este grupo de mulheres.

As mulheres que possibilitaram a presente pesquisa possuem idade a partir de sessenta anos. Todas se autodeclararam negras. Com isso, buscarei contextualizar sobre os processos de envelhecimento dessas mulheres e como essas têm vivido a velhice.

Um dos pontos a ser observado e que aparece em todas as narrativas é o trabalho. O trabalho foi um fator que as acompanhou desta a infância (algumas das entrevistadas ainda estão trabalhando) e, a partir das atividades desempenhadas, foi possível garantir a sobrevivência tanto individual como de seus familiares. Muitas relataram que assumiram desde cedo a responsabilidade de gerenciar vidas. Este ponto é crucial para entender como este fator as acompanhou até a velhice, bem como o significado que este assumiu na vida de cada uma. Pensando a partir de um recorte racial, mulheres negras sempre trabalharam, sem se importar com idade ou até mesmo possibilidades físicas, a estas não são dadas escolhas, parte de uma questão de sobrevivência, e para estas mulheres não foi diferente:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto (CARNEIRO, 2014, p. 01).

Ao trabalho, alinhado com diversos sofrimentos, foram atribuídos sentimentos, como o cansaço, dificuldades e até saudade. Suas falas refletem cansaços físicos, daqueles que parecem ser sentidos com a lembrança que ressurgem a partir dos relatos. A saudade relatada por algumas das entrevistas, aparenta vir acompanhada da força que a mocidade tem, e ainda da importância que o trabalho assumia em suas vidas e na vida de outras pessoas.

Diante do exposto, quando pensamos a saudade, é interessante como ela sempre está relacionada às lembranças do passado, às épocas da juventude, da saúde e da força. A isso, podemos pensar sobre as questões de esquecimento e solidão vividas na velhice: na juventude, todas se sentem alguém, aquela que pode contribuir; enquanto na velhice se vivencia o oposto, o preterido: “que é ser velho? pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem” (BOSI, 1979, p. 08). Tais questões fazem parte das opressões vivenciadas por nossos velhos e velhas: o processo de menosprezo se mostra como uma das mais violentas práticas sentidas por elas.

Pensar sobre estas questões é romper com o silenciamento de pessoas negras. Duplamente, mulheres negras sofrem os processos de esquecimento da velhice ligado a dois fatores, etário e racial (e, também, de classe): “É também um poema sobre resistência, sobre uma fome coletiva de ganhar voz, escrever e recuperar nossa história escondida” (KILOMBA, 2019, p. 27). Portanto falar sobre o envelhecer dessas mulheres é realçar vidas esquecidas.

Como veremos, sobre o momento presente, suas falas se destinam às questões de saúde e afeto. Mas cabe adiantar que apesar das questões relatadas acima, todas as entrevistadas referem que possuem uma boa velhice, pois - apesar das agruras - conseguiram traçar caminhos que lhes assegurou a sobrevivência.

Pensar sobre a trajetória dessas mulheres é passar por todos os momentos que constituíram seus processos de envelhecer, desde a infância até os dias de hoje, uma vez que são pontos que se ligam: “por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado” (BOSI, 1979, p. 08). Suas falas, ao buscar retratar o passado, estavam sempre relacionadas ao presente.

Caminhos metodológicos da pesquisa:

Nesta seção buscarei trazer os caminhos metodológicos percorridos para o desenvolvimento da pesquisa, assim como as percepções despertadas no decorrer deste trajeto. De início, o objetivo inicial eram cinco colaboradoras, no entanto ao todo foram realizadas entrevistas em profundidade com quatro mulheres. Três residem na cidade de Maracanaú-CE, região da grande Fortaleza, e uma no interior do estado, Acarape-CE. Todas possuem idade superior a sessenta anos de idade.

Inicialmente, falarei como se deu o contato com essas mulheres. É importante ressaltar que todas as colaboradoras possuíam vínculo direto ou indireto comigo, sendo que duas apresentam um grau de parentesco: minha avó paterna e minha tia mais velha por parte de mãe, sendo que esta assume o papel de matriarca após o falecimento de minha avó materna. As demais correspondem a um vínculo indireto, havendo um intermediário, pessoas que tinham proximidade com as mulheres, suas filhas ou sobrinhas, mediando o contato. Com aquelas que possuía uma relação mais próxima, o primeiro contato foi presencial; já com as demais os encontros aconteceram de maneira virtual, através do celular. Neste primeiro momento, foi apresentada brevemente a pesquisa e feito o convite para a participação, havendo na sua maioria aceitação.

No decorrer do processo de busca por possíveis participantes, houve uma convidada que preliminarmente aceitou, no entanto, pediu para não mencionar questões ligadas ao

envelhecimento e à raça, temas centrais desta pesquisa. Assim, tal participante declinou do convite. Apesar deste imprevisto, parti para o segundo momento, qual seja, a realização das entrevistas. Todas foram realizadas nas casas das participantes, em datas e horários distintos, combinados previamente, obedecendo todas as regras de proteção contra a COVID-19.

As entrevistas seguiam um roteiro de perguntas semiestruturadas com oito questões amplas, sendo distribuídas em dados pessoais, infância e adolescência, família, escola, vida adulta, trabalho, raça e velhice. Os diálogos foram gravados com a ajuda de um aparelho celular, uma vez que depois realizei a transcrição integral das falas. A cada entrevista, uma experiência diferente me era apresentada: a primeira entrevista se mostrou receptiva, no entanto percebi um sentimento de vergonha de sua parte: o seu olhar não costumava se encontrar com o meu, as respostas foram breves, mas não tão curtas. Notei que com o passar dos minutos que a timidez foi se perdendo e o conforto foi ficando mais visível. No fim, percebi que os sentimentos passados por ela se ligavam aos meus: foi minha primeira entrevistada, estava nervosa, cheia de expectativas e sem saber como seria aquele momento. Acredito que essa primeira interlocutora abriu as portas para mim: o nervosismo, a estranheza, me desconstruiu, reconstruiu e me preparou para as próximas mulheres que estavam a minha espera. A segunda também foi bastante receptiva, um pouco diferente da primeira. O seu sentimento era de entusiasmo, suas respostas foram espontâneas, mesmo depois de finalizar o roteiro que orientava as perguntas. A conversa ainda se estendeu por quase uma hora, regada dos mais diversos assuntos, me pediu até para fotografar, pois queria um registro do momento. Era uma senhora de alegria contagiante. A terceira, a mais velha, me remeteu o sentimento de partilha: ela queria falar, e falou. Com esta interlocutora não consegui seguir o questionário, no entanto isso não foi um impedimento. Mesmo após o fim da gravação, ela pediu para que religasse o gravador por mais quatro vezes, sempre acompanhada de *“isso pode ser importante pra você”*. Também me mostrou seus álbuns de fotos e, assim como a anterior, me pediu para fotografar. Foi um diálogo extenso, diferente das outras não havia qualquer sinal de pressa. A quarta e última foi a que se mostrou mais ansiosa, tinha pressa para responder, suas respostas foram curtas, tinha medo de não saber o que falar, no entanto, também se mostrou receptiva para me receber e compartilhar comigo sua trajetória de vida.

Neste momento, buscarei compartilhar as percepções apreendidas no decorrer da pesquisa. Primeiro, gostaria de partir do momento em que comecei a buscar por possíveis mulheres que se encaixassem nos motes desta pesquisa. Logo encontrei dificuldade para achar mulheres negras na minha rede de contatos que se adequassem à faixa etária pensada (a partir

dos sessenta e cinco anos de idade)³. Junto desta dificuldade, que pode ser em decorrência do viés geracional, sempre me vinha o questionamento das pessoas: “*Só pode ser negra?*” ou então “*Mais fulana é negra?*”, “*Precisa ser negra, negra?*”, “*Ela não é tão negra assim*”. Todas essas questões fizeram parte da minha busca pelas participantes, gerando as primeiras reflexões neste caminho, situações como essas me fizeram pensar sobre o imaginário social das pessoas sobre raça, indo de encontro aos conceitos que a academia me instrumentalizou. Nesta ocasião, me senti fora e dentro do real, pois começava a haver uma quebra com a “bolha” que me foi criada no decorrer da formação acadêmica.

O segundo ponto a ser destacado tem forte ligação com o primeiro. Quando estava no momento das entrevistas, ao perguntar como elas se autodeclaravam, a resposta era, invariavelmente, “*morena*”. Ao ouvir pela primeira vez, senti um estranhamento e até mesmo um certo desconforto, percebia também que ao falar *negra* o olhar era diferente. Tal é o peso que a palavra socialmente ainda remete às pessoas. Importante ressaltar o entendimento sobre como as questões raciais ecoam no imaginário da nossa sociedade. Ainda mais importante é entender os contextos das categorias operadas socialmente, as quais nem sempre coincidem com aquelas orquestradas pelo saber científico.

O terceiro aspecto era a curiosidade das próprias mulheres, sobre o porquê de a pesquisa ser somente com mulheres negras. Confesso ter ficado assustada ao ser indagada na primeira vez, era como se não soubesse responder, mas ao esboçar uma explicação algumas até citavam o preconceito como exemplo. Essa curiosidade das interlocutoras foi muito interessante, pois assim anuncio o quarto ponto, o qual denomino de ‘ansiedades’.

No decorrer das entrevistas todas se mostraram ansiosas sobre o que deveriam falar, sempre acompanhado do medo de não saber o que responder: “*me fale logo o que eu tenho que dizer*” ou “*será se vou saber falar*” eram interpelações recorrentes. Essas ansiedades me mostraram as ideias que elas tinham sobre aquele momento da entrevista, o que também caracterizo como as expectativas criadas: toda essa ansiedade ou medo do que falar e como falar, me fizeram pensar sobre as imagens que poderiam ter criado sobre mim, ou ainda do que eu esperava ouvir, o que também me suscitou o querer delas de atender essas possíveis expectativas. No fim, sempre era surpreendida com “*não sei se ajudei com isso*”, “*foi simples*”, “*Pensei que fossem coisas difíceis*”.

³ O Estatuto do Idoso foi instituído em 2003, para regular os direitos das pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos. Atualmente, há um projeto de lei (5383/19) para alterar essa mínima para sessenta e cinco anos.

Tais receios nos levam ao quinto ponto, sobre se sentir importante e ter a trajetória de vida valorizada através da escuta. No decorrer da realização das entrevistas, era notório o sentimento de se sentir reconhecida, da importância de contar suas trajetórias, muitas vezes lidas como banais, foi valioso para elas: os sorrisos, olhares, expressões, se ligavam a esse sentimento. O fato também de querer ouvi-las foi comentado em forma de agradecimentos. No fim, ouvir todas essas mulheres, experienciar esta vivência, refletir sobre cada ponto despertado no decorrer deste processo, me geraram transformações enquanto mulher preta, mas também enquanto pesquisadora.

Cabe pontuar que a pesquisa tem como inspiração os escritos de Bernard Lahire, em sua obra *“Retratos Sociológicos: Disposições e Variações Individuais”* (2004), a qual busca compreender o meio social a partir dos indivíduos, tendo em vista que esses são atravessados por práticas, comportamentos, formas de pensar, crenças e outros, sendo comum a todos; a isso Lahire denomina de *“disposições”*, enquanto o que chama de *“variações”* é a maneira que afeta cada um. Portanto, Lahire (2004) procura estabelecer uma relação com a singularidade de cada ser a partir das suas histórias de vida. O indivíduo, ao falar sobre si mesmo e sua trajetória, pode não perceber as interferências do todo em sua individualidade: “em um estado de diferenciação particularmente avançado, por paradoxo ou por artimanha do mundo social, temos a sensação de uma vida subjetiva não-social ou extra-social. Nada é mais comum do que essa inverdade” (LAHIRE, 2004, p. 12), uma vez que “cada indivíduo é o ‘depositário’ de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas” (idem, p. X). Logo, buscaremos compreender a maneira que as disposições transpassam a trajetória de cada sujeito social na sua singularidade de vida.

Adalgisa – *Tô andando, está tudo bem, graças a Deus*

Adalgisa da Silva Bernardo, no momento da entrevista, tinha setenta e oito anos de idade, hoje setenta e nove. É natural de Redenção-CE e atualmente reside em Maracanaú- CE. Mora com dois filhos e uma neta. Viúva há seis anos de seu companheiro com quem teve oito filhos, sendo cinco homens e três mulheres, se autodeclara negra. A entrevista aconteceu no dia primeiro de julho de 2021, às 15h da tarde, tendo duração de dezoito minutos e dezessete

segundos de gravação de entrevista⁴, na área de sua casa, espaço amplo e claro, mas não muito preenchido por móveis, tendo somente algumas cadeiras e mesa de centro. Essa área fica em frente à rua e se caracteriza como a entrada e saída da casa. A partir dela é possível visualizar um pouco sobre os outros cômodos: Adalgisa, disse que ali era o lugar que se sentava para ver o movimento e conversar com alguém; ou então a sala, lá ela via TV. Após isso, a conversa ainda se estendeu por mais ou menos uma hora, não sendo registrada por gravação.

Adalgisa perdeu o pai aos sete anos de idade, ainda na infância, não tendo lembranças dele, ficando somente com sua mãe e seus irmãos. Dessa época, traz boas lembranças como as brincadeiras, mas também o sofrimento por não ter tido um pai, e como esse fato afetou o seu percurso de vida: sua mãe teve que trabalhar sozinha para sustentar todos os filhos, do qual ela retrata com muito orgulho, que apesar do sofrimento e dificuldades vividas, sua mãe nunca se desfez de nenhum filho, sua mãe teve sete filhos ao todo, sendo três homens e quatro mulheres, dois já faleceram:

“É... eu lembro muito da minha infância, meu pai morreu eu tinha 7 anos e minha infância foi muito boa, foi de brincar, foi de, foi muito boa a minha infância e um pouco de sofrimento porque eu não tinha pai né? só tinha a minha mãe, minha mãe lutou muito para criar nós, mas criou nós tudinho, não deu nenhum a ninguém, criou nós todos com sofrimento, mas criou nós, graças a Deus.”

Ao chegar na adolescência, Adalgisa, traz os primeiros relatos sobre trabalho. Esse período foi dedicado ao labor para ajudar nas despesas de casa e o pouco de tempo livre era dedicado aos estudos. Com o tempo escasso, ela não teve a oportunidade de estudar em escolas regulares. Ao lembrar da escola, recorda que sua mãe não tinha condições de colocar todos os filhos para frequentar o colégio, dos sete somente três frequentaram, nomeia: Zé, Neusa e Maria. Os custos eram altos. Além dos materiais, para frequentar a escola, precisava de roupas (farda) e calçados, o que tornava inviável a ida de todos, só fazendo até a 4^o série do ensino básico com a ajuda de pessoas que já estavam próximas de se formar na escola regular e se colocavam para ensinar as pessoas que não tinham a mesma oportunidade:

“É e nunca fui pro colégio, porque nesse tempo além de ser difícil os colégios para a gente, (*era distante?*) era em Redenção mas nós morava no roteiro, nosso patrão era lá, aí lá num era... poucas pessoas que estudavam lá né? Aí a gente num podia, porque minha mãe num podia né? Num podia botar, ela botou só 3 filhos que era o zé, a Neusa e a Maria mas não podia botar tudo né? Na escola porque a gente precisava de roupa, de calçado né? E tudo era

⁴ Importante salientar que, ao ativar a gravação das conversas, as entrevistadas se portavam de forma tensa, fato que me fez concluir antecipadamente as entrevistas. As conversas fluíam mais quando anunciava que estava desligando o aparelho.

difícil, a gente, a gente tinha roupa para usar assim em casa, de tarde, mas a gente não tinha muito assim, (*precisava de farda*) É!, (*de material*) Pois é, a gente ela não podia dar né? Ela trabalhava só para criar nós, aí num podia.”

Já na vida adulta, o trabalho é lembrado mais uma vez, desse período ela diz que trabalhou e trabalhou muito, conta que a agricultura e o trabalho de empregada doméstica foram as principais atividades desenvolvidas por ela. No roçado, começou desde muito cedo, nem recorda a idade, ia acompanhada por seu tio e suas irmãs, para ajudar sua mãe em casa. Ao ficar ‘mocinha’, começou a trabalhar em uma casa de família, lá ela fazia tanto os afazeres domésticos como cuidava das duas filhas do casal, seu Bomfim e dona Auristela, apesar de serem ricos, ela diz nunca ter sentido tanta diferença, era como se estivesse em casa:

“...Em uma casa eu trabalhei até quando eu saí para me casar, que na casa do senhor Bomfim e da dona Auristela, eles eram uns pessoais muito bons, era mesmo que eu estar em casa, eles eram rico e tudo mais eu não tinha assim muito essa diferença, ali pra mim eu estava em casa ali, eles eram muito bom e eu cuidava de 2 meninas deles e eles gostavam muito de mim, por causa que eu cuidava muito bem das filhas deles, aí depois eu me casei né? E quando eu completei a idade de 20 anos me casei aí fui morar com o meu marido, aí morei até quando ele morreu, não é?...”

Depois de casada, volta mais uma vez a ter a agricultura como atividade central de fonte de renda, dessa vez era acompanhada de seu esposo; e ainda trabalhava em casa, desenvolvendo atividades domésticas. Ela relata que também teve outros trabalhos em casas de famílias, mas que não havia durado por muito tempo.

No decorrer do diálogo, ao conversarmos sobre ser uma mulher negra, Adalgisa relata que durante tempos, principalmente na sua juventude que retratou como antigamente, não sentia nenhuma diferença sobre essas questões, tinha amigas brancas e que as pessoas não eram como hoje em dia, só foi perceber sobre o preconceito de uns tempos para cá:

“Não! Para mim não teve diferença nenhuma, porque pelo menos antigamente do jeito que o povo é, assim, num, num, assim, num é que nem agora, que, que tem gente que é... como a gente pode dizer? (Que tem preconceito?) Sim! que tem preconceito com as pessoas, antigamente não era assim, a gente tinha amiga branca, a gente era morena mais tinha amiga branca é e os pessoal não tinham diferentes com a gente como agora, não é? Porque agora o povo tem né? Porque algumas pessoas têm diferença com a gente né? (hoje em dia a Senhora já sente essa diferença?) Mas antigamente não tinha isso não (*mas a senhora acha que a localidade que antes a Senhora estava na Redenção e agora aqui no Maracanaú, cidade grande, a senhora acha que teve essa diferença ou só que a senhora acha que está percebendo mais agora*) é porque as vezes a gente até vê falar né? Por aí que o povo mata, as pessoas porque são morena né? mas aqui não, aqui no local que eu moro é aqui eu ainda não senti a diferença das pessoas que moram perto de mim né? que não são da minha cor, ainda não senti diferença, mas tem muita diferença por aí né.”

Sobre sua família, constituída com seu falecido esposo, ela sempre se recorda e retrata com muito amor. Sobre seu marido, João Nonato da Silva, diz que nunca teve sobre o que se queixar, sempre foi um bom marido e pai, fez tudo que pode para criar e cuidar dos filhos. Quanto aos oito filhos: Lúcia, Marlene, Liduina, Mario, Francisco, Zé Lucio, Fábio e João, diz que são filhos presentes e que cuidam dela, assim como os netos e netas, mesmo aqueles casados sempre a fazem companhia.

Ao falar sobre a velhice, a sua família foi muito lembrada, se fazendo presente, o que evita que se sinta sozinha. O afeto tem se feito presente neste momento de vida dela, a saúde é um pouco fragilizada, por conta da diabetes que tem e da própria idade. Apesar de se sentir cansada e sem poder fazer tudo queria, se sente feliz por ainda conseguir andar e seguir aos poucos com sua vida:

“A minha saúde ela não é muito boa, mas também, graças a Deus eu ando dentro de casa né? Ainda faço alguma coisa, só não posso fazer tudo né? Mas tem minhas filhas, elas fazem por mim, lava roupa, faz tudo, tenho uma neta também que me ajuda que vevi comigo (*e para a senhora o que tem sido mais significativo neste momento da vida?*) como assim? (*Algo que a senhora acha muito importante que a senhora ta vivendo neste momento*) eu acho muito importa é... viver com os meus filhos, com as minhas netas, minha filha que moram na Redenção, mas ela sempre vem aqui me visitar, minhas netas também sempre vêm me visitar, e o mais importante também é eu estar tá, tá bem né? Tô andando está tudo bem, graças a Deus.”

No fim, Adalgisa, ao falar sobre como foi sua trajetória e viver até o presente, ligou ao momento da nossa entrevista:

“Eu acho que a mesma coisa que eu estou aqui conversando com você e contando algumas coisas da minha vida, eu acho que é isso!”

Atribuindo um grande significado ao momento presente, partilhar sua trajetória de vida foi um ato valioso. Muito expressivo o peso colocado por Adalgisa ao trabalho, ao trabalho como doméstica e as poucas oportunidades de estudo ao longo da vida.

Fátima - *Trabalhei! Trabalhei, trabalhei muito!*

Maria de Fátima Bessa Marcos Lima, no momento da entrevista tinha sessenta e um anos, hoje sessenta e dois. Nasceu no dia 18 de outubro de 1959, natural de Poço Escuro-CE, onde viveu a infância e adolescência junto dos pais. Aos quatorze anos já trabalhava no roçado com a família, depois de um certo tempo foi trabalhar em armazém de cachaça, casou e mudou-se de cidade: primeiro morou no Chave de Ouro-CE e em seguida Acarape-CE, onde reside atualmente. Hoje, Fátima é separada e vive sozinha, há mais de vinte anos atrás terminava seu

casamento. Com o ex-companheiro, que não teve o nome mencionado, teve duas filhas. Fátima se autodeclara negra.

A entrevista aconteceu no dia 26 de agosto de 2021, às 13h30, tendo duração de cinco minutos e quarenta e nove segundos de gravação, sendo realizada na área de convívio da casa, um espaço aconchegante e receptivo, com cadeiras e mesa de centro, não possibilitando o olhar para os outros cômodos. Minha visita se limitou somente a este espaço de convívio. Fátima disse que aquele espaço era o lugar que passava as suas tardes, a pequena área era de encontro com a rua, podendo visualizar o movimento de seu bairro.

Ao falar sobre a infância, Fátima lembra com grande apreço: sua fala remete às brincadeiras e alegrias da época de menina que, apesar de não possuir brinquedos, inventada de tudo para não perder a diversão. Sobre os seus pais, não falou muito, mas o suficiente para percebermos a importância que eles têm:

“De quando era criança? de brincar? (*É, as lembranças que a senhora tem*) as minhas lembranças a gente brincava assim, nos mato, saia brincando nos mato, caçando aquelas sementinha para dizer que era feijão, sementinha de, de mata pacho, aqueles pés de juazeiro, a gente barria, fazia aquela casinha para brincar, era muito bom na infância, (*e sobre a sua família, sua mãe o seu pai, a senhora tem lembrança?*) tenho! Ave Maria, tenho muita lembrança da minha mãe, do meu pai, foi uma coisa muito boa, muito maravilhosa, tempo que eu passei com eles, até eles partir deste mundo para o outro, foi coisa muito boa”

Sobre sua relação com a escola, Fátima, só conseguiu fazer até o segundo ano, não prosseguindo. Na sua fala, não culpa os pais, pois eles tiveram a preocupação de colocar todos os filhos para estudar. Assim, Fátima se responsabiliza por não ter concluído os estudos, assumindo a dificuldade que tinha com a aprendizagem, o que desestimulava sua vontade pelo estudo:

“Estudei só até o 3º ano, (*só até o terceiro né? Não conseguiu prosseguir?*) de jeito nenhum, foi uma coisa mulher que não entrou na minha cabeça, foi esse negócio de estudo, não boto culpa no meus pais não, meus pais botava nós tudo no colégio, mas nós num... eu, eu tenho umas irmã que ainda terminou, a Graça, a Nieta terminou, mais eu num terminei não, fiz só até o segundo, o terceiro por ai, (*hum rum*) era segundo ano né? agora é outras coisas mais evoluído e eu só fiz até o segundo.”

Chegada à vida adulta, o trabalho é um fato muito lembrado por Fátima. Os primeiros relatos já são na sua infância, seguindo até sua aposentadoria. Fátima relata que trabalhou antes e até mesmo depois de casada, fato esse que se intensificou quando seu marido a deixou sozinha com suas duas filhas, tendo a responsabilidade de criar sozinha as meninas. Fátima teve que

trabalhar em casa de família como empregada doméstica, trabalhou mais de vinte anos em uma casa, não podia largar o emprego, sendo essa sua fonte de renda para assegurar a criação das filhas. Apesar de relatar as dificuldades de se trabalhar como doméstica, Fátima diz ter saudade dos tempos que trabalhava fora de casa e que a diabetes também é um fator que hoje a limita:

“Vida adulta? *(É, assim depois de grande já, depois passou a infância e os vinte e poucos anos, a senhora disse que trabalhou né? E tal)* trabalhei! trabalhei ,trabalhei muito, até... me casar eu trabalhei, depois de eu casada eu também trabalhei, pra criar minhas filhas que meu marido me deixou, quando ele me deixou a minha filha mais velha tinha 15 anos, que eu só tenho duas filhas, tinha 15 anos, eu fui trabalhar em casa de família até chegar o dia da me aposentar, aí quando me aposentei... *(a senhora trabalhou em casa de família até se aposentar?)* trabalhei até me aposentar, trabalhei mais de 20 anos na casa de uma mulher daqui, e... aí só sai quando me aposentei, não eu não podia sair né? e deixar minhas fia passando necessidade que elas ainda moravam comigo, aí eu digo meu Deus eu só vou sair do meu emprego, trabalhar nas casas de família, quando eu me aposentar, ai é que eu fico dentro de casa e agora eu fiquei dentro de casa, também agora eu sou doente, tenho diabetes não posso trabalhar né? um dia eu tô bem, outro dia eu tô tonta e assim eu não posso, mais eu tenho é vontade ainda de trabalhar *(sente saudade)* sinto saudade do trabalho.”

Em relação ao presente, Fátima foi breve em suas palavras. Diz que sua velhice tem sido tranquila, que a família tem se feito presente e que a tranquilidade e estar de bem com todos é o bem mais precioso que tem carregado e vivido nos últimos tempos.

A entrevista foi finalizada com agradecimentos e sentimento de alívio: Fátima, estava preocupada, temendo não saber o que responder ou se saberia responder. Demonstrou inquietação diante de minhas perguntas. Ainda que tenha sido uma entrevista mais curta, é reveladora a maneira como Fátima construiu as narrativas de sua vida: falta de oportunidades e dificuldades diversas para seguir com os estudos.

Lucimar - *Assim a gente vai tocando uma vida e vai dando pra sobreviver*

Lucimar Ferreira Miranda, natural de Pentecostes-CE, tem sessenta e seis anos de idade, reside atualmente em Maracanaú-CE, morou um período da sua vida em zona rural e depois se mudou para Fortaleza-CE, trazida pelos pais que buscavam dar uma melhor educação e mudança de vida. Lucimar é casada com Francisco Haroldo, com quem tem duas filhas: Isabel, a mais velha e professora por formação; e Gizele, que trabalha no comércio e hoje dá continuidade aos seus estudos. Lucimar se autodeclara ‘preta’.

A entrevista aconteceu no dia 04 de agosto de 2021, às 18h30, tendo duração de dez minutos de gravação, sendo realizada na área de convívio da casa, um espaço muito

aconchegante, amplo e claro. Trata-se do primeiro cômodo de sua casa, com cadeiras e mesa de centro, tudo arrumado para me receber. De onde estava era possível visualizar os outros espaços da casa. Consegui perceber a movimentação da família ali reunida: a casa de Lucimar me remeteu ao sentimento de família que ela tanto descreve no decorrer de suas falas. Após o fim da gravação, a conversa ainda se estendeu por quase uma hora, acompanhada dessa vez de sua filha, Gizele, quando as duas dividiram comigo histórias e vivências, indo de encontro com o que já tínhamos conversado no decorrer da gravação.

Sobre a infância, Lucimar define como boa, lembra da fartura, da liberdade que o espaço a oferecia, dos avós que ia visitar em outra cidade e sempre lembrando que os tempos eram outros. Já sobre a adolescência, Lucimar fala que tinha um pouco de privação, pois seus pais eram muito cuidadosos e tinham receio do que podia acontecer. Apesar disso, tinha a confiança para viver os momentos próprios da adolescência, desde que a obediência estivesse em primeiro lugar. E assim era feito: namorar só depois dos dezoito, as festinhas tinham tempo contado, não podendo se estender até tarde fora de casa. Lembranças como essas, Lucimar narra com um sorriso no rosto:

“Posso sim, a minha infância foi muito boa assim, pra minha época né? no interior muita liberdade, muita fartura, é... meus avós vieram morar em Fortaleza, mas sempre nas férias, sempre ia pra lá, é os feriado a gente ia ficar com eles, foi uma infância muito boa, na minha adolescência também foi boa, assim, pra na época né? A gente num tinha muita liberdade por que os pais tinham muito cuidado, mas mesmo assim eles davam um pouco de... como é que eu quero dizer, de confiança e assim a gente viveu né? Tinha as tertúlias, tinha aquelas festinhas que a gente não podia ir muito até tarde né? As nove horas já tinha que estar em casa, namorado nem pensar, só depois dos seus dezoito né? E sempre vigiada né? porque os pais na época tinham muito cuidado, quer dizer e ainda tem né? mais hoje é mais liberal, na minha época era muito rígido meus pais”.

Ao lembrar sobre os estudos, Lucimar refere que não pode concluir, fez somente até o ginásio, como era chamado na época o Ensino Fundamental, porque logo depois veio o casamento e família, não tendo condições de conciliar com os estudos:

“Não, eu estudei no ginásio na minha época né? Também foi só até aí, depois eu casei, tive filhos e fui viver pra família”.

Depois de casada, Lucimar, trabalhou para ajudar o esposo. Durante grande parte da sua vida, sua profissão foi costureira, função que exerce desde muito cedo. Começou trabalhando em fábricas, depois de um tempo começou a confeccionar na sua própria casa, fazendo peças e vendendo. Hoje, já aposentada, Lucimar, não abandonou sua profissão, e trabalha somente para si:

“Não, eu trabalhei muitos anos de costura, mais em fábrica né? Trabalhei muitos anos de costureira, quando parei de costurar, quando parei de trabalhar, continuei trabalhando em casa, fazendo, confeccionando e vendendo, hoje eu trabalho pra mim mesmo”.

Sobre sua família, Lucimar, retratou a união que compartilham entre si, que apesar das dificuldades vivenciadas, sempre estão postos para ajudar um ao outro, fato que expôs com bastante orgulho:

“A minha família, graças a Deus, é uma família tranquila, pequena, dentro dos padrões que a gente vivi hoje, é... num tem assim, tem as dificuldades num sabe? Que a gente vive no dia a dia, o desemprego, o salário que é pequeno, mas graças a Deus, aqui a gente divide o pouco que a gente tem uns com os outros, e assim a gente vai vivendo... sou aposentada, meu esposo ainda não, mas recebe uma pensão do... como é o nome? (*INSS*) sim! É... auxílio doença, mas as minhas duas filhas trabalha, eu com a idade que tenho continuo trabalhando, costuro em casa, e assim a gente vai tocando uma vida e vai dando pra sobreviver!”

Lucimar se autodeclara como mulher preta, fato que chamou minha atenção. Em determinadas momentos da conversa, Lucimar lembrou da importância de se afirmar enquanto mulher preta, das mudanças já notadas por ela em relação à época de menina e da força que a mulher negra carrega dentro de si. Foi possível também perceber como Lucimar, repassou todo seu aprendizado enquanto mulher preta para as filhas e hoje suas netas, uma afirmação e luta que tem passado por gerações:

“é... eu me defino assim, preto! É... como todo mundo sabe né? a nossa, nossa, pela nossa cor tem muita discriminação, mas graças a Deus, mesmo com muito estudo, com muita né? ainda tenho o preconceito, a violência por causa da cor, devido a cor e assim tamos na luta né? dia a dia pra que que isso melhore, que as pessoas entendam que a cor não diz nada, diz é o seu caráter, a sua formação”.

“Sim, a mulher preta ela, ela sempre foi discriminada, mas com a nossa garra, com a nossa força, nós estamos vencendo, hoje tem muita gente na política, tem como agora nas olimpíadas né? Mas foi mulheres, muitas jovens, como a menina, a... (*A Rebeca né?*) a Rebeca, aquela outra a pequenininha, do skate, a fadinha, né? Já, já tão entrando (*Representatividade*) Representatividade é, e cada dia mais a gente tá lutando mais para que a nossa raça, (mais a senhora hoje já percebe uma diferença né? Em relação ao seu tempo e o de hoje né?) bastante, bastante, naquele tempo era mais sofrido, a gente não tinha voz, não tinha vez, num tinha assim quem falasse pela gente, né? Mais hoje graças a Deus, aos poucos tamos chegando, apesar da violência e da discriminação, mas... (*a gente tem que conseguir alcançar alguns espaços*) alguns passos é!”

É importante ressaltar que após o fim da gravação, Lucimar, junto de sua filha Gizele, conversaram comigo sobre episódios do dia a dia, sobre racismo e preconceito que foram sentidos de forma muito crua, situações que envolveram seus cabelos, cor da pele, hiperssexualização de seus corpos ou desvalorização do trabalho. Dentro deste diálogo,

Lucimar conta que defendeu e ensinou as filhas a se defenderem dos racismos cotidianos. Gizele, sua filha, diz hoje repassar tudo que aprendeu com a mãe para a filha, e que assim seguem na luta.

Chegando aos dias de hoje, Lucimar descreve com muita estima o momento presente, agradece porque apesar das dificuldades, teve uma família, casa, afeto, fatos significativos para sua trajetória. Também se considera uma mulher de sorte e reconhece que nem todos tiveram a felicidade que ela tem. Sobre sua família, só traz bons momentos, como o cuidado que tem com ela, a união e o sucesso que as filhas e os netos têm desempenhado. Lucimar também fala sobre como seus pais foram guias inspiradores para ela e que, mesmo após o falecimento de ambos, segue os ensinamentos deixado por eles:

“Bom, a minha trajetória de vida, é... graças a Deus, graças a Deus, uma trajetória satisfatória, como todo ser humano, na vida não é só mar de rosa né? Tem o alto tem o baixo, não é não tenho muito do que reclamar da minha vida não, graças a Deus, graças a Deus, perdi meus pais agora, tá cum... quatro anos, mas graças a Deus, nunca teve atrito com família e o que que eu, o que eu trouxe lá dos meus pais, dos meus avós, eu passo, passei para minha família e too tentando passar para os meus netos e assim foi a minha vida”.

Lucimar, finaliza agradecendo pelo momento de escuta e partilha, sendo uma ocasião de muita felicidade e força para mim, que me sinto contagiada pelo sentimento de pertença, passada de uma mulher negra para outra.

Maria - Comecei a aprender as letra e fazer meu nome todinho

Maria dos Santos Nascimento, setenta e cinco anos de idade, natural de Guassi, distrito de Redenção- CE, mais conhecido como Serra dos Praianos, nasceu no dia 06 de maio de 1946. Maria nunca se casou, hoje vive com a irmã, cunhado e sobrinha, no município de Maracanaú-CE, para onde mudou depois dos vinte anos de idade. A entrevista aconteceu no dia 05 de agosto de 2021, às 16h35 da tarde, tendo uma duração de quarenta e seis minutos, seguida de mais três curtas gravações, cada uma em torno de um a dois minutos. Ao fim da entrevista, Maria pediu que registrasse falas que ela considerava importante e havia esquecido de mencionar no decorrer do diálogo. A nossa conversa aconteceu no quintal de sua casa, uma área pequena, com muitas plantas e vista limpa para o céu. Maria estava sentada em sua cadeira de balanço, com o rádio ao lado e disse que aquele era o lugar que sentava todas as manhãs e finais de tarde: ficava ali, olhando para as plantas e ouvido rádio.

Maria lembra que é a irmã mais velha de dezenove filhos: aos oito anos de idade já trabalhava para ajudar em casa, trabalhava no roçado, diz que na infância não lhe restou muita coisa a não ser o trabalho:

“...E aí adolescência foi trabalhar com oito anos e dessa adolescência não me restou ter boneca, ter brinquedo, brinquedo era cabo de inchada, cabo de inchada para ajudar trabalhar, para ajudar a criar meus irmãos, a minha mãe teve dezenove filhos, esses dezenove filhos, a mais velha quem começou a trabalhar foi eu, depois foi outra irmã minha a Rita, aí ela trabalhava mais eu, e aí vem, semear arroz, plantar milho, plantar feijão, plantar arroz, plantar mandioca, raspar mandioca, lavar goma...”

Assim como uma infância cheia de privações, nos estudos não foi diferente: Maria não teve a chance de estudar. Relata que até hoje só sabe escrever o nome, pois segundo suas narrativas, na serra tudo era difícil. Descreve o impasse que era não saber assinar o próprio nome e relembra que aprendeu com uma colega, que tinha saído da serra para estudar em Redenção. Essa colega, ao retornar, foi dar aula na comunidade de Maria e só aí aprendeu a assinar seu nome. Infelizmente não conseguiu passar daí, mas demonstra ser grata por ter aprendido a assinar o nome e tirar seus documentos:

“Aí depois., fui crescendo, crescendo, na serra não tinha, não tinha como hoje, hoje tem facilidade todo mundo estudar, nunca estudei, aí eu ficava, toda a vida que eu ia assinar, não sabe assinar o documento, só vou tirar meu documento, quando eu, chegar um tempo que eu saiba, que eu arrume uma pessoa para que eu mode me ensinar fazer ao menos a letra dos nome, assim mesmo aconteceu, tinha uma colega minha aqui, que saiu da serra, foi estudar na Redenção e depois voltou pra serra pra dar aula e eu começou a me ensinar, ai foi a... comecei a aprender as letra e fazer meu nome todinho, foi que aprendi fazer meus nome, ai tirar documento meu, não tinha documento nesse tempo, nem o certidão de casamento meu pai tinha”

O trabalho sempre foi algo muito presente na vida de Maria, o qual retrata com sofrimento: desde a infância trabalhava no roçado, atividade que desenvolveu por bastante tempo. Maria também foi vendedora. Dessa época diz não ter tido muito gosto pela vida, o único gosto eram seus pais, do qual lembra com muito carinho:

“Aí eu fui trabalhar, quebrar coco, coco palmeira, fazer o óleo, sair vendendo nas casas pra furar aquele dinheiro... Sim! aí, quebrar aqueles coco, fazer óleo, sair vendendo pra apurar aquele dinheiro”

“aí foi a mesma pendenga, trabalhar de roçado e... mandioca essas coisas assim, nunca, nunca tive gosto da minha vida, assim, dessas coisas não! Tinha gosto com meu pai com a minha mãe, porque meu pai e minha mãe, é as coisas mais maravilhosa que eu tive na minha vida, depois que eu passei vinte anos pra trás, eles viro que eu tinha cabeça feita, confiava muito neu, o que eu fazia, tava feito, eles eram... sei lá, sei nem como eles eram”

“do serviço que eu fiz ó... eu vendi colorau, eu vendi roupa na feira, eu vendi roupa, eu vendi galinha, comprava galinha, vendia galinha, (*eita!*) todo esse serviço eu fiz, todo esse serviço eu fiz, trabalhei em casa de família”

Todos esses esforços, eram para assegurar dinheiro para ajudar em casa na criação dos irmãos. Maria se doou bastante para a família. Durante sua vida, namorou e noivou uma vez, não dando certo nenhum de seus relacionamentos. Em certo momento, diz que foi do tempo dos escravos, essa comparação veio acompanhada dos relatos de trabalho e sofrimento vividos por ela no decorrer de sua trajetória:

“Aí, ainda inventei bem umas duas vez de namorar e casar e de casar, acabei o casamento, do casamento em cartório ainda pra resolver, eu vi que o cara não prestava, veio pra acabar o casamento e eu fui e disse a ele jeito não tinha acontecido nada, nem ele tava devendo nada a eu e nem eu tava devendo a ele né? Ai a minha vida, toda vida foi desse jeito, que nem diz o matuto, que lá pra Redenção tinha a história dos escravos, eu fui do tempo dos escravos, e esses legumes que a gente tava pra.. fazendo aí, arroz, feijão, milho, a gente trabalhava uma distância longe, trazia tudo na cabeça, chegava em tempo de morrer, cansada... na cabeça subindo ladeira, descendo ladeira, que lá é serra.”

Aos vinte anos, Maria deixa Redenção e parte para Fortaleza em busca de emprego e melhoria. Diz que sua decisão foi tomada a partir de tudo que já tinha vivido até aquele momento e por não visualizar mudanças acerca da realidade que se encontrava. Nesse período, diz que vários irmãos já haviam se casado e que ela foi ficando... O pai de Maria trabalhava para um homem, dono da terra que eles moravam: essa moradia era em troca de casa e trabalho, tudo o que eles ganhavam era repassado esse homem, portanto, a saída de Maria era uma possibilidade de mudança para si e sua família:

“Daí por diante, quando eu, dessa última vez que eu fui, os irmão meu, um bocado foi casando e eu fui ficando, aí eu digo, não! Não tem condições de eu ficar aqui não, meu pai e minha mãe sofrendo e eu sofrendo também, tudo que ele fazia na casa, nesse terreno desse homem era pra pagar renda e entregar o homem e ele morrendo de trabalhar e a gente morrendo de trabalhar assim e o homem só se lucrava do que a gente fazia”.

Com isso, mudou-se para a casa de sua tia em Fortaleza, trabalhando em coisas diversas. Diz que os primeiros anos foram bons, mas após a chegada dos filhos de sua tia, a situação mudou e começou a sofrer humilhações. Disso, mudou-se novamente, agora para a cidade de Maranguape-CE, onde conseguiu um trabalho de costura. Nesse mesmo período, trabalhou em casa de família, trazendo consigo, duras recordações desses momentos:

“aí da casa da minha tia, até quando aí eu ficava aí, passar um ano, dois anos, e os meninos tudo pequeno, era! Era bom quando tava mais ela, mais depois quando os filhos foram crescendo, não foi mais isso, aí haja humilhação, humilhação, aí morei nas casas dos outros, fui trabalhar no Maranguape, num serviço de costura, fazer curso, passando fome, mal dormida, trabalhei em

casa dos outros, pra trás antes de ir para e, trabalhei ainda em 4 casa de família, e minha vida, toda vida foi desse jeito”.

Maria, também lembrou da época em que trabalhou em casa de família: sobre esse momento, diz ter sofrido muito e que passou por muitas coisas ao trabalhar como empregada doméstica. Lembra com pesar das humilhações sofridas, como ter que dormir separada da casa, uma vez que seu quarto ficava do lado de fora da residência em que trabalhava:

“eu sofri muito na minha vida, trabalhei em casa de família, eu dormia assim num quarto, um dia eu cheguei e num tinha onde armar rede Dani, tava tudo cheio de cal, nesse tempo o pessoal trabalhava assim com cal, aí eu fiquei rodando com a rede, lá na Aldeota, o Romário, tu já foi lá na clínica do doutor Trajano Almeida? (Já) Pronto! Foi logo ali, onde tem aquele prédio que foi feito ali e aquela casa separada? Foi logo ali, num tinha onde eu armar minha rede, e aí? vai eu dormir lá num num quarto reservado que tinha, que era o escritório do homem, que nem gostava que ninguém dormisse lá, dormia lá do lado de fora, um quatinho que tinha de fora, abaixo do quintal, separada da casa, (a tia dormia em um quarto separado da casa?) separado da casa fia, (tudo era separado?) tudo era separado da casa, a outra dormia com a menina que era babá e eu dormia num quarto separado da casa, é fia, a madrinha já sofreu um bocado.”

Após esse período, foi a vez de se mudar para Maracanaú-CE, onde conseguiu um trabalho no Hospital Municipal da cidade. Lá, Maria começou nos serviços gerais, depois passou para o serviço de ‘contino’, em seguida para a costura. Dentro desse período, houve um momento que Maria deixa o hospital e volta novamente a Maranguape, onde iria trabalhar mais uma vez com costura. Após um curto momento, volta novamente para o hospital, repetindo o mesmo processo descrito no início. Maria lembra com emoção sobre esses momentos e sobre as pessoas que passaram por sua vida:

“E trabalhar aí no hospital de Maracanaú, começar limpar chão, do chão depois foi fazer esse serviço de contino, de contino fui pra costureira de novo, (no hospital?) Rum... eu trabalhei em costura duas vez, trabalhei, fiz o curso em Maranguape, no maior sofrimento, passando fome, dormindo na casa leia, daí voltei para aí, pro, pro hospital, limpando chão, graças a Deus, do alimpar chão, botaram eu pra ser contino de novo, de contino voltei de novo pra costura, mais graças a Deus, até a data de hoje, eu fico assim me perguntando, meu ordenado não é tão ruim demais, mas, dá pra viver melhor, mas tem hora, que eu sinto falta das pessoas que já passou por mim, mais é coisa do passado e aquelas pessoas que era apegada eu, ficou tudo pra trás (choro)”

Em seguida aos relatos, Maria trouxe falas de lembrança sobre pessoas, familiares, momentos que viveu e que deixaram saudades. Em outros momentos também fala sobre solidão, sobre seus pais, da alegria que era encontrar com eles e de ter feito tudo que estava ao seu alcance para ajudá-los. Maria lembra da ansiedade que vivia para visitá-los; diz que ao

entrar no ônibus, nem parecia que ele estava correndo, já que sua ansiedade era tanta para vê-los. Lembra do retrato que tem com eles e que guarda até hoje:

“você um dia, hoje você tá nova ainda, quando chegar a certa idade um dia, você vai se lembrar, quando a gente tem pai e mãe, como é que a gente vive, e os gosto que eles faz a gente, pra quando você se acha numa circunstancia que as vezes você não tem nem com quem conversar, eu ainda tenho um retrato de quando eu cheguei de viagem, eu ia daqui para lá, se eu apanhasse um ônibus aqui, aquele ônibus correndo para mim, parece que não tava correndo, pra mode eu chegar lá e ficar do lado deles, até um dia, eu cheguei lá, eles tava assim, ele tava batendo um retrato lá, um homem, aí fui bater um retrato dele, eu assim descalço e ele descalço, acostado numa pedra, tá de lembrança esse retrata ali que eu vou até mandar revelar”.

Maria também lembrou do dia que perdeu seu pai, sobre sua última visita a ele no hospital, lembrança que nunca escapou da sua memória. Neste momento, Maria rememora o diálogo que teve com ele, momento antes de falecer:

“última hora que quando foi pra meu pai faltar, ele dizia, ele morreu lucido e sabia que eu trabalhava aí, aí um dia de quinta-feira, ele disse assim: *“Hoje minha filha não era o dia do seu trabalho?”* aí eu disse: *“Não meu pai, hoje é o dia de eu trabalhar, mas só que por direito, eu tenho direito de lhe acompanhar os dias que for necessário, o senhor, não se preocupe com isso aí não!”* aí ele ficou, *“é você é quem sabe”* e eu *“é eu too aqui do lado, o senhor não tá aqui só”* e *“quando eu sair daqui minha filha, quando vou sair daqui que eu too só com fralda, como é que eu vou sair?”* *“Não senhor, não se preocupe com isso aí não, mediatamente chega roupa pro senhor e o senhor vai de carro, vai descer em casa”* e nisso só saí de lá, só quando ele deu derradeiro suspiro, isso eu, isso tem isso na minha cabeça, não sai nunca! e ele, pediu água já na hora de botarem a gente pra visita, e eu saí, fiquei morta de pena dele, ele com os lábios secos, e eu num podia dar água a ele, que ele tava amarrado, as mão, e ele dizia: *“Minha filha minha mão amarrada?”* aí eu digo: *“Não pai, num é por outra coisa não”* é porque ele arrancava as coisas, *(as agulhas?)*, não os dreno, que tava drenado nele, aí eu, era pra eu molhar o capucho de algodão e né, botar na boca dele, não consegui, mas depois disso aí Dani, eu fiquei naquilo impressionada que tinha morrido com sede, mas depois eu disse assim: *“Jesus, ele num morreu com sede não, eu tenho certeza que Jesus, deu água a ele”* ele, ele bebeu água...”

Esse foi seu último relato. Após isso, Maria agradeceu pelo momento, pediu para tirar uma foto sua, me ofereceu até mesmo os que já tinha revelado. Disse que se fosse para contar sua história em algum lugar, poderia ir. Em outro momento fala até dos mais novos e que sua história poderia servir de exemplo para eles:

“Que é bonito os retrato que foi feito viu? se quiser eu mando a bichinha um dia revelar, eu revelo e dou um, você quiser botar em seu trabalho, você bota. E agradeço bastante você vir e você, você vim fazer essa entrevista comigo, essa entrevista se fosse pra eu fazer assim nas coisa fora, eu tinha coragem de falar tudo isso. Minha mãe teve dezenove filho, desses dezenove filho, os outros foram casando e eu fui ficando ficando, fui juntando um, e acolhendo outra e outra, hoje em dia pra nada, pra nada.”

“É isso, se você puder botar isso aí, pode botar! (*tá bom*) que é pra eu num mode um dia, se se um dia ficar, poder até deixar um dia feito, sei lá, não sei como é, alguém vê os mais novo, e dizer o que foi que eu sofri na minha vida...”

Ao finalizar, é importante ressaltar que Maria foi a única colaboradora que não se prendeu ao roteiro da entrevista: suas falas foram baseadas em uma explicação inicial dada por mim. Não houve interrupções. Foi uma troca muito espontânea. Concluo este retrato, com um grande sentimento de aprendizado: ao ouvi-la, senti o abraço de alguém que guarda consigo uma trajetória de muitos conhecimentos sobre a vida e que hoje podem ser vistos como saberes para os mais jovens. Ao mesmo tempo, suas falas são reveladoras sobre a vida de mulheres negras.

Considerações Finais

O movimento gerado por essas mulheres nos é expresso a partir de suas histórias de vida: os relatos nos mostram como mulheres negras têm produzido mudanças significativas nas estruturas sociais que nos cercam. A pesquisa também teve por objetivo ressaltar a importância de cada mulher negra na construção dessas mudanças: cada uma, ao seu modo, promove conversões. E tais enredos são a mais pura teoria social: “desenvolver o pensamento feminista negro como teoria social crítica implica incluir tanto as ideias de mulheres negras que não eram consideradas intelectuais – muitas das quais da classe trabalhadora” (COLLINS, 2019, p. 51). Isso ressalta a importância de mulheres e seus cotidianos comuns.

Já a velhice traz à tona diversas questões que merecem ser apontadas e refletidas na atualidade: é também a busca pela quebra dos processos de esquecimento e invisibilidade sofridos neste estágio da vida. E ao fazermos um recorte interseccional, podemos visualizar de que maneira mulheres negras sofrem os processos de envelhecimento a partir de suas realidades e vivências próprias, as quais, inegavelmente, estão carregados de exclusões.

À medida que nos dedicamos ao estudo sobre trajetória de vida de mulheres negras e idosas, conseguimos mergulhar em experiências de vida atravessadas por marcadores de gênero, raça e classe. As histórias de vida aqui contadas nos permitiram observar e compreender de que maneira tais eixos sociais agem sobre a vida de cada mulher e seus processos de envelhecimento. Entendemos que essas histórias possuem um passado histórico de opressão e silenciamento e que suas existências são marcadas por lutas diárias de resistência e revolução, mas que não imobilizou essas mulheres, como bem alertou Conceição Evaristo,

no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*: “O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos / A memória bravia lança o leme: / Recordar é preciso. O movimento vaivém nas águas-lembranças / dos meus marejados olhos transborda-me a vida, / salgando-me o rosto e o gosto. / Sou eternamente náufraga, / mas os fundos oceanos não me amedrontam / e nem me imobilizam”.

Referências bibliográficas

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social** / Ecléa Bosi. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a Partir de Uma Perspectiva de Gênero**. Acessar em: <https://vulvarevolucao.com/2014/11/20/enegrecer-o-feminismo-a-situacao-damulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência e a política de empoderamento**/ Patrícia Hill Collins; tradução Jamille Pinheiro Dias. - 1º ed. - São Paulo : Boitempo, 2019.
- COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. **A velhice invisível: o cotidiano de idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte**. / Rosa Maria da Exaltação Coutrim. - São Paulo: Annablume, 2010.
- DEBERT, Guita Grin. **Envelhecimento e representações sobre a velhice**. Anais do VI Encontro de Estudos Populacionais. 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**/ Bernard Lahire; Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. - Porto Alegre : Artmed, 2004.
- MINAYO, MCS., and COIMBRA JUNIOR, CEA., orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. Antropologia & Saúde collection, 2002.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 2. n. 3, 1989, p. 3 - 15.
- KILOMBA, Grada, 19668 - **Memórias da plantação -Episódios de racismo cotidianos** / Grada kilomba ; tradução Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janerio: Cobogó, 2019